



# Zanzalá

Homepage da revista:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/index>



## *Divino Amor*

de Gabriel Mascaro (2019)

por Alfredo Suppia<sup>1</sup>

Obs.: este texto pode conter *spoilers* do filme.

### **O futuro néonpentec**

*Divino Amor* (2019), de Gabriel Mascaro, pode ser visto como um filme de ficção científica brasileiro do tipo distópico (a depender do ponto de vista), no qual a temática religiosa visita, uma vez mais, a especulação futurista – embora sob um prisma diferente do mais habitual na história do cinema brasileiro.

Conforme já comentei em outras ocasiões, o aparente “desconforto” do cinema brasileiro em especular sobre realidades alternativas, ou mesmo sobre o futuro, parece encontrar no tema da religião ou espiritualidade uma via de comunicação mais amplamente aceita. Assim, podemos observar ficção científica num número razoável de filmes espíritas, nos quais a doutrina kardecista, ou alguma crença espiritualista mais ampla, mobiliza algo da iconografia e/ou vocabulário familiares ao gênero. Filmes como *Nosso Lar* (2010), de Vagner de Assis, são exemplares nesse sentido: fazem uso de uma semântica e sintática da ficção científica – ainda que vulgares ou superficialmente – em suas fábulas espiritualistas.

*Divino Amor* segue uma via substancialmente diversa. O filme de Mascaro já se apresenta mais assertivamente como um filme de ficção científica logo de início, dos créditos iniciais à cena de abertura – imagens de uma festa noturna, algo como uma *rave gospel*, ao ar livre, comentada pela voz *over* de uma criança: “Era 2027. O Brasil tinha mudado. A festa mais importante do país não era mais o Carnaval. Era

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Cinema (DECINE) do Instituto de Artes (IA) e do Programa de Pós-graduação em Multimeios da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail para contato: [asuppia@unicamp.br](mailto:asuppia@unicamp.br)

a Festa do Amor Supremo. A redenção do corpo, o sentimento mais puro. A jura do amor eterno. A grande espera pela volta do Messias.” Logo a partir dessa primeira cena é apresentado um *novum*, termo cunhado pelo crítico Darko Suvin, em seu livro *Metamorphoses of Science Fiction* (New Haven: Yale, 1980) para definir elementos narrativos que provocam o “estranhamento cognitivo” peculiar à literatura de ficção científica. Ou seja: uma ruptura, um distanciamento da realidade que o espectador implícito vivencia empiricamente. Aqui, no entanto, essa “novidade” ou estranhamento não é radical. Baseia-se numa extrapolação, relativamente simples, dado o atual estado de coisas no Brasil de 2019. A voz *over* da criança vai pontuar a fábula em diversos momentos posteriores do filme.

*Divino Amor* conta a história de Joana (Dira Paes), funcionária de uma espécie de cartório de registro civil. Evangélica, ela atende especificamente casais que pretendem se divorciar, e é então que sua atuação profissional se revela profundamente contaminada por suas crenças e valores pessoais. Joana atrasa processos de divórcio, tenta influir na decisão dos casais, convencê-los a permanecer juntos. Eventualmente, Joana convida seus clientes a frequentar o culto de sua igreja, a Divino Amor, onde ela e seu marido, Danilo (Júlio Machado), praticam sua fé. Em nome da família, a Divino Amor promove cultos noturnos que mesclam leituras bíblicas descontextualizadas, atividades lúdicas e sessões de autoajuda a orgias e trocas de casais (*swing*). O próprio *décor* da igreja, suas luzes néon e a presença de um porteiro, remetem ao estereótipo dos prostíbulos urbanos, de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife – uma pequena portinha, guardada por um segurança, com néon na fachada e iluminação difusa vazando do interior.

Enquanto Joana trabalha na repartição cuidando dos divórcios, Danilo confecciona coroas de flores para velórios. Ambos atuam profissionalmente, de certa forma, no “fim” de alguma coisa, seja o casamento ou a vida. O casal tem um firme propósito, inalcançado até então: gerar uma criança. Danilo parece ter problemas de fertilidade, e com o apoio de Joana tenta uma variedade de tratamentos. Um deles, em especial, fornece certo alívio cômico à história. O “Fertred”, que chega para o casal numa embalagem com caracteres chineses, será utilizado por Danilo com alguma regularidade. Trata-se de uma traquitana em que o usuário fica de cabeça para baixo, suspenso, com a genitália exposta a uma espécie de luz infravermelha.

Mas exatamente qual tipo de evangélico aparece retratado no filme? Conforme explica o pastor Alexandre Gonçalves (2019) no artigo “*Divino amor: filme futurista é uma crítica à hipocrisia do Brasil Evangélico de Bolsonaro*”, para o *The Intercept* (18 de Julho de 2019)<sup>2</sup>, a personagem Joana representa uma religião evangélica do tipo neopentecostal, triunfalista, individualista e adepta da teologia do domínio.

Em meio ao trabalho, os cultos da Divino Amor e suas sessões de sexo grupal, parece que Joana e

---

<sup>2</sup> Ver Gonçalves (2019).

Danilo vêm tentando ter filhos por um bom período de tempo. A julgar pelo comportamento de Joana, esse seria seu objetivo de vida, a graça maior a ser alcançada: ser mãe. E é também a propósito desse desejo, que também é uma angústia, que o filme apresenta outra novidade, deveras curiosa: o confessionário ao estilo *drive-thru*, ou sessão de orientação espiritual ambientada numa espécie de *car wash*. Algo semelhante a um procedimento de “troca de óleo”, uma fila de carros aguarda sua vez para entrar numa pequena garagem onde, sentado em seu interior, aguarda um pastor (Emílio de Melo) com a Bíblia na mão. Lá estará Joana em seu veículo, mais de uma vez, buscando o amparo espiritual na palavra do pastor. Ela adentra o espaço coberto e, sem sair do carro, compartilha sua angústia e ganha o hino de louvor do dia – ou da noite. Os diálogos nessas cenas são particularmente intrigantes: às perguntas e angústias de Joana, o pastor responde como um prestidigitador ou cartomante, com evasivas ou palavras de efeito – algo como “para tudo você mesma sabe a resposta”. O engodo da manipulação encenado num quase *sketch* de programa cômico.

O Brasil do futuro próximo de *Divino Amor* é um país “neopentec” ou, melhor dizendo, “néonpentec”. Nem *cyberpunk*, nem *technoir*. Nem pós-apocalíptico (como na série *3%*), nem pós-apocalíptico-tropicalista (como em *Quem é Beta?*, filme de 1972 de Nelson Pereira dos Santos, ou em *Abrigo Nuclear*, filme de 1981 de Roberto Pires). Em *Divino Amor* o futuro é “néonpentec”, um futurismo onde impera a necropolítica conduzida pelo lumpen aliado a uma caquistocracia – a necrolumpencaquistocracia já no poder, atualmente. Um “símbolo” do futuro distópico muito possível e realista de *Divino Amor* pode ser buscado no pronunciamento delirante e repleto de mentiras proferido pelo presidente Jair Messias Bolsonaro por ocasião da abertura da Conferência da ONU em 2020<sup>3</sup>, quando ele não apenas negou a devastação ecológica em marcha acelerada no país, com o aval do governo federal, mas também se coloca em posição subserviente a Donald Trump e se diz engajado numa cruzada internacional contra a “crisofobia”, seja lá o que isso possa significar para ele.

O filme de Mascaro termina numa chave fantástica, não sabemos se a criança sem nome tem um pai, ou se foi gerada pelo divino espírito santo. A voz infantil, que logo na primeira cena anunciava o Brasil de 2027 e a grande espera pela volta do Messias, pode ser, em tese, a voz do próprio Messias. As conclusões acerca desse final podem ser divergentes. Segundo Gonçalves (2019), “No conflito gerado no coração de Joana com o descobrimento de sua gravidez e da ausência de traços genéticos de paternidade de Danilo, ocorre uma busca fervorosa à religião, a ponto de Joana acreditar que está grávida do próprio Deus.” Tudo leva a crer que, de fato, Joana tenha engravidado de um pai desconhecido, mas o filme não apresenta indícios inequívocos dessa hipótese mais realista. A despeito de sua forte ancoragem no Brasil de hoje, a fábula é aberta ao divino e maravilhoso.

Se por um lado a opção pela voz *over* infantil coaduna-se com a fábula – poderia ser a voz do

---

<sup>3</sup> Ver Planalto (2020).

próprio salvador, reencarnado após mais de 2000 anos de espera da humanidade –, por outro uma leitura menos hiperbólica e complacente pode também ter seu lugar: a voz da criança narra um futuro em que o Brasil, nação jovem, regride ainda mais em sua maturidade. A democracia adolescente recua ao estágio da criança que apenas engatinha em 2019, ano de lançamento do filme. O ano da fábula, 2027, apresenta uma nação infanta em que os personagens carecem de qualquer propósito e autossuficiência mais definidos, vivem tutelados, devotos de uma fé embusteira que os automatiza no puro ciclo do “crescei e multiplicai-vos”. Nesse aspecto, o filme como um todo poderia ser ainda mais radical, mais detalhista na construção desse universo ficcional extrapolativo, com base na realidade que bem conhecemos hoje, a do poder da “bancada evangélica”, do movimento neopentecostal e seus tentáculos financeiros e midiáticos. O mais longe que o filme atinge é o absurdo do confessionário *drive-thru* e do próprio templo do *swing* que é a igreja do Divino Amor. Mas além das técnicas de psicodrama, atividades lúdicas e sexuais em grupo, pouco ficamos sabendo sobre os bastidores da Divino Amor – quem a criou, como é sustentada, existem muitas outras como ela? Nada disso compromete a narrativa, por óbvio, mas o roteiro, claramente voltado ao drama intimista, aguça nossa curiosidade sobre esse mundo, ao mesmo tempo tão estranho e tão próximo.

Podemos inferir, é claro, que a fábula resulta de uma escalada do estado atual de coisas, culminando numa hegemonia de poder. A situação em 2019 teria prevalecido e vingado: aquela do congresso nacional tomado por representantes políticos das bancadas dos três B (a bancada da bala, a bancada da Bíblia e a bancada dos bois), do alcance das igrejas neopentecostais na mídia, e do perdão das dívidas milionárias dessas mesmas igrejas com o fisco. O Brasil de 2027 de *Divino Amor* é uma nação renascida, infanta, onde a vida se resume aos afazeres domésticos, ao sexo em nome da família e ao culto religioso nas horas de lazer, após o expediente na repartição pública ou no pequeno negócio próprio. São raras e comedidas as cenas externas de *Divino Amor*, por motivos que podem ser atribuídos a contingências da produção, mas que fazem muito sentido no que diz respeito a seu roteiro: no Brasil do futuro, há pouco a se ver fora de casa, do trabalho ou da igreja. As raras cenas externas tiram proveito de uma certa arquitetura modernista brasileira, aquela do concreto armado que, também em seus tons de cinza, atua como metáfora e comentário ao estado de alma dos personagens nesse país distópico.

Muita coisa em *Divino Amor* parece ficar sugerida, intuída, interdita: fora de campo, fora de quadro, fora da fábula. Muitos sentidos e significados ficam entre quatro paredes, ou literalmente atrás das paredes. Mas isso é compreensível, por eventuais razões que extrapolam o filme ou o próprio fazer artístico. Vivemos tempos bicudos. Tal como se apresenta, *Divino Amor* pode ser decodificado de diversas maneiras. Uma peça dúbia, ambivalente, intrigante, em que a política fala pelos silêncios e, dentro de quatro paredes (as paredes que abafam, enjaulam as famílias), são gestados os futuros tenebrosos de um país inteiro.

## Referências

GONÇALVES, Alexandre. “*Divino Amor*: filme futurista é uma crítica à hipocrisia do Brasil evangélico de Bolsonaro” em *The Intercept*, 18 de julho de 2019. Disponível em <https://theintercept.com/2019/07/17/divino-amor-critica-evangelico-bolsonaro/> . Acesso em 05/05/2021.

PLANALTO. “Discurso do Presidente Jair Bolsonaro na 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU)” em *Youtube*, 22 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=821wal-DuEA>. Acesso em: 05/05/2021.

